

ARTIGO DE REVISÃO

Uma síntese da concepção de saúde-adoecimento com base no funcionalismo orgonômico de Wilhelm Reich

A summary of the health-illness conception based on Wilhelm Reich's orgonomic functionalism

RESUMO

Introdução: O tema do presente artigo é a concepção de saúde-adoecimento com base no funcionalismo orgonômico, a metodologia de investigação científico-natural desenvolvida por Wilhelm Reich (1897-1957), a qual se baseia em pressupostos energéticos e em propriedades investigadas por esse pesquisador nas manifestações da energia orgone. Objetivo: O objetivo principal desse ensaio é realizar uma descrição acerca da concepção de saúde-adoecimento presente na obra reichiana. Método: Trata-se de um estudo teórico-descritivo e hermenêutico. As fontes de pesquisa foram documentais e bibliográficas: livros e artigos produzidos por Reich e seus seguidores, que compõem o eixo clínico-terapêutico de sua obra. Resultados: A concepção orgonômica sobre saúde-adoecimento articula-se em torno de conceitos-chave presentes na obra do referido autor, podendo-se citar: a potência orgástica, o encouraçamento, a noção de emoção como impulsos primários e secundários, a energia orgone, a sua função de pulsação e as suas perturbações e os seus bloqueios. Considerações finais: Wilhelm Reich deixou um legado que, ao nosso ver, merece ser mais explorado cientificamente, sobretudo, porque suas teorias, métodos, técnicas e experimentos geraram, em certa medida, a construção de concepções e conceitos coerentes internamente e explorados por seus seguidores, sobre a saúde e o adoecimento, e, via de consequência, o desenvolvimento de saberes, técnicas e perspectivas que podem auxiliar na prevenção e no tratamento de vários problemas de saúde.

Palavras-chave: Reich, Wilhelm, 1897–1957. Funcionalismo Orgonômico. Psicossomática. Práticas Integrativas e Complementares (PICs). Saúde. Adoecimento.



Francisco Bissoli Neto

- Universidade Federal de Santa Catarina
- Graduado em Psicologia pela UFSC.
- Mestre em Saúde Coletiva pela UFSC.

Charles Dalcanale Tesser

- Universidade Federal de Santa Catarina
- Professor no Centro de Ciências da Saúde (CCS) e no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

DOI: 10.19177/cntc.v9e17202053-67

Recebido: 19/11/2019

Aprovado: 08/10/2020

ABSTRACT

Introduction: The subject of this paper is the conception of health-illness based on orgonomic functionalism, the scientific-natural research methodology developed by Wilhelm Reich (1897-1957), which is based on energetic assumptions and properties investigated by this researcher in the manifestations of orgone energy. **Objective:** The main objective of this essay is to describe the concept of health-illness present in the reichian work. **Method:** This is a theoretical-descriptive and hermeneutic study. The primary bibliographic sources are books and articles written by Reich and his followers, which stand for the clinical and therapeutic axis of his work. **Results:** The orgonomic conception about health-illness is articulated around key concepts present in the author's work, to name a few: the orgasmic potency, the armoring, the notion of emotion as primary and secondary impulses, the orgone energy, its pulsation function and its disturbances and its blockages. **Final considerations:** Wilhelm Reich left a legacy that, in our view, deserves to be more scientifically explored, especially because his theories, methods, techniques and experiments generated, to some extent, the construction of internally coherent conceptions and concepts, which were explored by his followers, about health and illness, and consequently, the development of knowledge, techniques and perspectives that can help in the prevention and treatment of various health problems.

Key-words: Reich, Wilhelm, 1897–1957. Orgonomic Functionalism. Psychosomatics. Complementary and Integrative Practices (CIP). Health. Illness.

INTRODUÇÃO

O tema do presente artigo é a concepção de saúde-adoecimento derivada do funcionalismo orgonômico, uma metodologia de investigação científico-natural desenvolvida por Wilhelm Reich (1897-1957). Ela se baseia em pressupostos energéticos e em propriedades investigadas por esse autor no seu trabalho clínico e investigativo, em que julgou identificar manifestações de uma energia específica dos seres vivos a que chamou *orgone*.

Trata-se de um estudo teórico-conceitual, fundamentado em abordagem hermenêutico-filosófica, que, segundo Gadamer (1) tem duas tarefas fundamentais: a *reconstrução* e a *integração*. A reconstrução trata dos conteúdos de uma obra, analisada frente ao seu conjunto e às outras obras do seu autor e seus objetivos; mas também frente ao seu tempo e sua sociedade, aos saberes e valores ali circulantes e às circunstâncias correntes, até onde se pode conhecê-los. Porém, se é necessária “a reconstrução das condições originais, como toda e qualquer restauração, [ela] não passa de uma empresa impotente” (1). Por isso, é necessária a tarefa de *integração*, em que ocorre a mediação histórica entre a reconstrução

imaginária do passado da obra com a vida atual. Dada a complexidade e a extensão dos escritos legados por Reich, este artigo (parte de estudo de mestrado em Saúde Coletiva¹) pretendeu contribuir com o início de uma restauração de suas ideias, sendo ainda mais tímido na integração. Em ambos os sentidos, a proposta foi sintetizar o que chamamos de concepção de saúde-adoecimento dali derivada.

O estudo empregou a análise documental indireta, especialmente a bibliográfica, e que teve como fontes primárias, sobretudo, os livros e os artigos produzidos por Reich que compõem o eixo clínico-terapêutico de sua obra, além de obras de comentaristas e de seus seguidores.

O artigo está estruturado em cinco itens principais: o primeiro apresenta um breve histórico de Reich no que concerne aos três períodos clínico-terapêuticos de sua obra; o segundo trata do conhecimento e das terapias reichianas que se desenvolveram após a morte desse autor; o terceiro, da abordagem dos pressupostos epistemológicos e metodológicos do funcionalismo orgonômico, por ele proposto; o quarto, da síntese da concepção orgonômica de

saúde-adoecimento articulada, em torno de conceitos ou ideias-chave encontrados na obra reichiana; e o último, de algumas implicações dessa concepção para o campo da Saúde Coletiva.

UM BREVE HISTÓRICO DOS TRÊS PERÍODOS CLÍNICO-TERAPÊUTICOS DE REICH

Wilhelm Reich (1897-1957) foi um médico, investigador e psicoterapeuta, discípulo de Sigmund Freud, que, após a sua ruptura com este, percorreu uma trajetória independente do movimento psicanalítico e desenvolveu métodos, teorias e técnicas terapêuticas próprios, os quais são, ainda, desconhecidos e pouco considerados pela comunidade acadêmica.

Embora a obra e o pensamento de Reich constituam-se em uma unidade que pode ser estudada a partir de diferentes perspectivas ou eixos-teóricos, levando em conta o seu eixo clínico-terapêutico, consideramos ser possível dividi-la em três grandes períodos, os quais estão associadas às três abordagens terapêuticas desenvolvidas por esse autor ao longo de sua vida: a análise do caráter, a vegetoterapia caracterológico-analítica e a orgonoterapia.

No primeiro período (1920-1934), denominado período psicanalítico, quando esteve oficialmente ligado à Associação Internacional de Psicanálise (IPA), Reich (2, 3) desenvolveu uma metodologia psicoterapêutica associada aos princípios do pensamento freudiano, denominada análise do caráter. Foi nesse período que desenvolveu a teoria da potência orgástica e a metodologia de análise do caráter.

No que diz respeito à primeira, Reich (3) distinguiu os indivíduos orgasticamente potentes dos impotentes, afirmando que aqueles seriam capazes de entregar-se ao fluxo da energia biológica-sexual e de descarregar completamente a excitação sexual, pela via genital, sem inibições e por meio de convulsões corporais involuntárias e agradáveis. Já os orgasticamente impotentes, ou neuróticos, ainda que pudessem apresentar a potência eretiva e ejaculatória, não conseguiriam entregar-se ao ato sexual e, dessa forma, acabariam acumulando energia sexual não descarregada, a qual viria a se tornar, posteriormente, a fonte energética dos sintomas psíquicos.

A metodologia de análise do caráter, por sua vez, constitui-se numa técnica analítica ativa, que confere especial atenção aos traços de caráter, isto é, à forma e ao modo como o paciente se expressa em terapia, o que inclui o “seu tom de voz, sua postura, suas atitudes, seu gestual, suas expressões faciais e sua forma de olhar” (4). Essa metodologia, segundo Chastka (5), considera que os traços de caráter formam “uma resistência unitária, ou defesa, contra todas as emoções que são sentidas ou percebidas como perigosas” (tradução nossa), a qual Reich denominou *couraça do caráter*. Assim, a técnica de análise do caráter consiste em remover os traços de caráter que funcionam como defesa, em última instância, contra à experiência da potência orgástica.

No segundo período da sua obra (1934-1939), Reich desenvolveu entre outros, o conceito de couraça muscular e de identidade funcional, a vegetoterapia caracterológico-analítica e os seus primeiros experimentos laboratoriais. Por meio deles, julgou ter descoberto a energia *orgone*. Ao observar que, quando os pacientes conseguiam expressar suas emoções reprimidas, ocorria uma mudança espontânea nas suas atitudes e nos comportamentos corporais, Reich (3) começou a atacar a neurose pelo seu lado somático, pois percebeu que, ao flexibilizar as tensões musculares, as emoções reprimidas e as memórias emergiam à consciência e que, por meio de tensões, a musculatura poderia obstruir a corrente sanguínea e reduzir o movimento dos fluídos do corpo. A atitude física do corpo seria a dimensão somática do processo de repressão, a qual ele denominou couraça muscular. Dessa maneira, esse autor introduziu o conceito de identidade funcional, segundo o qual “as atitudes musculares e caracterológicas têm a mesma função nos mecanismos psíquicos: podem substituir-se umas às outras e podem ser influenciadas umas pelas outras. No fundo, não podem separar-se; são *idênticas* na sua função” (3).

A noção de encorajamento muscular, desenvolvida por Reich (2, 3) por volta de 1934 ou 1935, permitiu uma nova forma de lidar com as resistências, pois o corpo e as intervenções sobre ele passaram a ser uma ferramenta fundamental para acessar e ela-

borar conteúdos psíquicos que, antes, ficavam inacessíveis às intervenções verbais. Por isso, esse autor desenvolveu técnicas terapêuticas de intervenção no corpo, as quais foram utilizadas em conjunto com a análise do caráter para formular uma nova abordagem terapêutica, a vegetoterapia caracterológico-analítica, que é considerada o primeiro desenvolvimento clínico no campo das psicoterapias corporais (6).

Com base nos seus estudos clínicos e teóricos até então realizados, Reich (7) formulou a noção sobre a antítese fundamental da vida, a qual assume que as duas emoções básicas presentes em todos os seres vivos podiam ser expressas em termos dos dois movimentos básicos: a expansão, que corresponderia ao prazer, e a contração, que corresponderia à angústia ou ao desprazer. Além disso, a expansão envolveria o fluxo dos fluídos orgânicos e das correntes de excitação do centro do organismo para a periferia, numa espécie de descarga periférica, e a contração, envolveria um fluxo no sentido contrário, numa espécie de retirada de energia da periferia para o centro do organismo.

A função de sexualidade estaria associada ao movimento de expansão, o qual seria acompanhado de prazer. Associada à antítese básica da vida, com base em descrições clínicas do fenômeno do orgasmo, Reich elaborou uma fórmula sequenciada em quatro tempos: 1) tensão mecânica, 2) carga elétrica, 3) descarga elétrica e 4) relaxamento mecânico; fórmula esta que, segundo sua hipótese, seria um processo vital comum a todos os seres vivos, presente em todas as esferas de funcionamento da vida, o que permitiu a esse pesquisador defini-la como a função básica de toda a vida e, também, denominá-la de fórmula da vida ou fórmula do orgasmo.

Reich (7) considerou que sua hipótese, a antítese expansão-contração, e, também, a fórmula do orgasmo deveriam ser estudadas experimentalmente e, assim, durante os anos de 1934 a 1939, período em que residiu em Oslo, na Noruega, conduziu duas séries de experimentos.

Na primeira delas, realizada com sujeitos humanos, ele objetivou mensurar as alterações no potencial elétrico em determinadas regiões na superfície

do corpo, incluindo as zonas erógenas, enquanto os sujeitos recebiam estímulos físicos prazerosos e desprazerosos. Os resultados teriam indicado que sempre que os sujeitos experienciavam sensações de prazer, o oscilógrafo registrava alterações de potenciais positivos na pele, o que seria indício de um aumento na carga elétrica na superfície do corpo. O contrário ocorria com as sensações de desprazer, em que o oscilógrafo registrava uma variação negativa nos potenciais elétricos, que, para Reich (7), seria um indício de que a carga elétrica, ao invés de ir para a superfície do corpo, iria para o centro do organismo. No prazer, portanto, ocorreria uma descarga energética do centro do organismo para a periferia, que era registrada em termos de um potencial elétrico positivo. No desprazer, ao contrário, ocorreria um movimento interno da energia da periferia para o centro do organismo, que poderia ser evidenciada pelos potenciais negativos na superfície da pele. Esses dados experimentais, conforme a interpretação de Reich (7), teriam fornecido suporte às suas hipóteses teóricas acerca da antítese básica da vida e da fórmula do orgasmo.

Na segunda série de experimentos, realizada a partir de 1936, Reich (8) decidiu observar organismos unicelulares como os protozoários, a fim de verificar se eles também seriam regidos pela fórmula do orgasmo, pois, se fosse esse o caso, ele teria uma evidência de que a referida fórmula descreveria um processo biológico universal, presente em toda a esfera da vida. Trabalhando inicialmente com infusões de grama e água, que era o método então utilizado para cultivar os protozoários, e realizando observações meticulosas por dias a fio, relatou ter observado, ao microscópio, formações vesiculares microscópicas com bordas definidas desprenderem-se do processo de desintegração das células das fibras de grama intumescidas. Essas vesículas seriam capazes de movimentar-se, de expandir-se e de contrair-se. Para esse autor, esses atributos as distinguiam de formas sem vida.

Além de experimentos com grama e materiais orgânicos, Reich (8) utilizou cristais de terra e matéria sem vida, como areia, pó de carvão e fuligem, e

relatou ter observado a formação de estruturas tubulares e outras partículas igualmente móveis, formas vivas ainda incompletas, em estágios preliminares da vida, portanto, formas transitórias do estado inorgânico e não móvel para o estado orgânico, móvel e culturável, vesículas estas que passou a designar *bions*, e que teriam a capacidade de formar culturas. Algumas delas apresentariam núcleo e propriedades semelhantes às dos seres unicelulares. Segundo o autor, o processo de formação dos bions estaria na origem da vida. Os movimentos das vesículas e dos protozoários teriam indicado que a fórmula do orgasmo estaria presente, também, nesses seres microscópicos.

No ano de 1939, enquanto realizava experimentos com bions provenientes de areia do mar, Reich julgou ter constatado que dessas vesículas – surgidas a partir da incandescência da areia – emanava alguma forma de radiação ou energia que parecia não obedecer a nenhuma das leis relativas às formas de energia até então descritas pela ciência e que estaria presente em todo lugar, a qual denominou energia *orgone* (5, 9, 10).

No terceiro período (1939-1957), denominado orgonômico, Reich (10) se dedicou a investigar, experimental e clinicamente, o funcionamento da energia orgone e, com isso, fundou o que considerou uma nova ciência, a *orgonomia*, baseada em princípios e pressupostos teóricos distintos da ciência convencional, e passou a investigar as relações da referida energia com os processos de saúde-adoecimento. Com base nas suas pesquisas, aprimorou as suas concepções médicas, desenvolveu outros princípios e técnicas clínico-terapêuticas e, também, a sua última abordagem, denominada *orgonoterapia*.

As investigações clínicas e experimentais realizadas sobre a energia orgone permitiram que Reich (10) reconsiderasse o fenômeno do encorajamento, pois ele postulou que seria a energia orgone a responsável pela função de pulsação, a qual seria a função básica de todos os processos vitais, e que, em nosso organismo, haveria um fluxo interno dessa energia que acompanharia nossas funções emocionais e fisiológicas.

Os bloqueios na pulsação seriam a fonte de predisposição para determinadas doenças, que Reich (10) denominou *biopatias*, as quais teriam como mecanismo central, “*um distúrbio na descarga da excitação biossexual*”, ou seja, o processo de encorajamento. Durante o período orgonômico, Reich afirmou que a couraça muscular apresentar-se-ia numa disposição segmentária no organismo humano, isto é, seria formada por anéis circulares e perpendiculares ao eixo da coluna vertebral, funcionando como uma espécie de barreiras de contenção ao fluxo vertical da energia no organismo.

Ao todo, Reich (2) identificou sete segmentos corporais no organismo humano, os quais foram ordenados e nomeados da seguinte forma: o primeiro segmento é o *ocular*; o segundo, o *oral*; o terceiro, o *cervical*; o quarto, o *torácico*; o quinto, o *diafragmático*; o sexto, o *abdominal*; e o sétimo, o *pélvico*, de modo que cada um desses segmentos “*compreende aqueles órgãos e grupos de músculos que têm um contato funcional entre si e que podem induzir-se mutuamente a participar no movimento expressivo emocional*”, ou seja, “um segmento termina e outro começa quando um deixa de afetar o outro em suas ações emocionais”.

Com base nas suas pesquisas clínicas fundamentadas nas funções e propriedades da energia orgone, Reich (2, 10) ampliou a vegetoterapia caracterológica, incluindo o uso de aparelhos orgonômicosⁱⁱ como recursos terapêuticos para restabelecer a funcionalidade energética dos pacientes, e acrescentou inúmeras formas de intervenções corporais, as quais, associadas ao trabalho de análise do caráter, teriam como objetivo a flexibilização da couraça e a restauração da pulsação e dos fluxos de energia orgônica no organismo.

O DESENVOLVIMENTO DO CONHECIMENTO REICHIANO À MARGEM DA ACADEMIA

Embora, durante a vida Reich tenha lecionado em duas instituições de ensino superiorⁱⁱⁱ, o conhecimento relacionado à orgonomia e à orgonoterapia desenvolveu-se de modo independente e separado do universo acadêmico.

Entre os motivos que contribuíram para a marginalização do conhecimento reichiano, podem-se citar: a) as perseguições políticas e as campanhas difamatórias sofridas por Reich e as deturpações de seu pensamento (11, 12, 13); b) a difusão do pensamento reichiano no movimento da contracultura e no campo das terapias alternativas (14, 15, 16); c) a ausência de uma instituição oficial de orgonomia e de orgonoterapia; d) os estigmas e os preconceitos relacionados às intervenções corporais das terapias reichianas (17); e) a organização bibliográfica deficiente dos escritos de Reich (18); e f) as características inerentes aos pressupostos epistemológicos e metodológicos do funcionalismo orgonômico, cujas premissas fundamentais entram em colisão com a perspectiva mecanicista(ou fisicalista)-materialista, a qual impera no atual contexto acadêmico das ciências da natureza (19).

Apesar dessa marginalização no âmbito acadêmico, o conhecimento reichiano se manteve vivo por esforço de parte dos terapeutas e pesquisadores independentes que criaram centros de formação e investigação de orgonoterapia e de terapias de base reichiana pelo mundo, e que, também, criaram publicações para divulgar as suas pesquisas^{iv}.

O FUNCIONALISMO ORGONÔMICO

O funcionalismo orgonômico constitui-se em uma metodologia de investigação da natureza, desenvolvida, por Reich (20), durante as décadas de 1920 a 1950, e que foi apresentada por esse como uma alternativa ao mecanicismo-materialista e à metafísica-misticismo. Trata-se de uma perspectiva original que herdou aspectos e pressupostos epistemológicos de diferentes correntes de pensamento, mas que apresenta a sua própria identidade epistêmica e metodológica, a qual não pode ser considerada como “filiada” às escolas e perspectivas das quais ela se originou.

Reich sofreu influências de escolas de pensamento cujo impacto se fez sentir na formulação do funcionalismo orgonômico: a) da escola de pensamento da psicanálise, da qual herdou uma concepção energética sobre o funcionamento do psiquismo e sobre o emprego do método clínico e de estudo de caso (2, 3);

b) do materialismo-dialético, a partir do qual desenvolveu uma forma de análise dos eventos da natureza, levando em conta o dinamismo da relação entre forças opostas (8, 21); c) de alguns pensadores vitalistas, dos quais pôde depreender que os fenômenos da vida não podem ser compreendidos, somente, a partir de uma perspectiva mecanicista-materialista, a qual se mostra incapaz de rastrear os aspectos específicos e definidores da vida (3, 22, 23); d) do cientificismo, que confere importância à experimentação, buscando formas de validar as impressões subjetivas dos cientistas (20); e) do empirismo, que procura privilegiar a experiência em relação à teorização (20); f) da psicologia celular, que concebia a apreensão sensorial como uma propriedade presente em todos os organismos, inclusive os unicelulares (7, 19); e g) do funcionalismo antropológico de Malinowski, que concebe o indivíduo sob o primado de sua realidade biológica e fundamenta suas análises no conceito de unidade funcional (20, 24, 25).

O funcionalismo reichiano foi desenvolvido, primeiramente, no estudo das funções psíquicas e somáticas antes que pudesse ter sido aplicado à energia orgone. É possível sumarizar algumas das convicções que orientaram o desenvolvimento do funcionalismo orgonômico, e que foram sendo formuladas, por Reich, em sua maioria, durante as décadas de 1920 a 1940, da seguinte forma:

- 1) O funcionamento do mundo natural é basicamente um processo energético, em outras palavras, há uma primazia da energia em relação à matéria, pois a energia, de algum modo, é mais fundamental que a matéria (24);
- 2) Os processos energéticos primordiais expressam-se na forma de movimentos espontâneos (26);
- 3) O funcionamento psíquico é um funcionamento natural. A vida humana emocional não é de origem sobrenatural, o seu funcionamento é acessível à pesquisa natural e existe uma energia que opera no psiquismo. As emoções são processos energéticos (24);
- 4) O funcionamento da natureza se expressa em termos de pares de funções que estabelecem

- entre si uma relação de antítese ou de complementariedade, e, ao mesmo tempo, em um nível mais profundo, de identidade (24, 26);
- 5) O funcionamento da natureza está em perpétua transformação, tudo está em constante estado de fluxo, nada é separado, nem absoluto, tudo interatua (21);
 - 6) “O zero (0) não existe na natureza” (tradução nossa), pois não existe nenhum vácuo, todo espaço é preenchido por um *continuum*, com energia orgone cósmica (26);
 - 7) O estudo da natureza deve priorizar a observação contínua e direta dos processos naturais (8, 20, 24);
 - 8) Como na natureza tudo está em movimento; como os processos naturais são, em primeira ordem, processos de energia; e, como o movimento expressa processos de energia, segue-se que a observação deve priorizar o movimento em relação à estrutura químico-física ou à forma da estrutura. O movimento é mais importante que a matéria (que é o elemento *estático*). A forma ou a estrutura é entendida como movimento de outrora, hoje, cristalizado. Nas palavras de Reich (20), “aprendemos a traduzir forma por movimento. Forma, no pensamento orgonômico funcional, é movimento *congelado*”;
 - 9) O ser vivo é um *todo unitário indivisível*, ou seja, uma *unidade funcional*, e não se reduz à soma mecânica de seus órgãos (10);
 - 10) A função biológica fundamental (expressa pela fórmula da vida: tensão mecânica – carga energética – descarga energética – relaxamento mecânico) controla o organismo total, exatamente como governa cada órgão. Existem na natureza leis que governam o micro e o macrocosmos. (8, 10);
 - 11) Todo organismo vivo é uma parte da natureza circundante e é funcionalmente idêntico a ela (10);
 - 12) Toda percepção está baseada na correspondência entre uma função dentro do organismo e uma função no mundo externo, isto é, na harmonia orgonótica (10);
 - 13) Toda autopercepção é a expressão imediata de processos objetivos dentro do organismo (identidade psicofísica) (10);
 - 14) A sensação de órgão – isto é, as funções de percepção e de sensação que estão diretamente associadas à capacidade do livre movimento orgonótico – é o principal instrumento de pesquisa natural (20); e
 - 15) O funcionalismo orgonômico deriva suas leis do funcionamento da natureza. As formulações das leis funcionais devem espelhar o funcionamento da natureza, não são “meras abstrações mentais” (20, 24).
- Reich (20) esforçou-se para construir o seu funcionalismo fundamentado nos pressupostos considerados por ele como os mais caros à ciência: a observação direta e o uso da experimentação como ferramenta auxiliar das observações. Além disso, estabeleceu o seu funcionalismo sob o primado da energia, ao considerar os processos energéticos como primários em relação à matéria. Ele forjou uma cosmovisão própria, que é a base do funcionalismo orgonômico e tem como pressuposto fundante a existência da energia orgone e suas propriedades: ser automovente, onipresente, pulsante, livre de massa e, ao mesmo tempo, a origem da matéria e das demais formas de energia reconhecidas pela ciência, cujo princípio de funcionamento – a pulsação e o movimento espontâneo – abrangeria todos os demais domínios da natureza derivados dela. Suas manifestações seriam mais facilmente percebidas nos domínios de fenômenos da natureza em que a fluidez e o movimento dos processos energéticos ocorreriam com maior liberdade, ou seja, os domínios menos estruturados e presos à matéria, por exemplo, o campo das emoções (20, 22).
- A característica singular desse método de pensamento é a noção de simultaneidade entre identidade e variações. Ela postula que, na natureza, os processos energéticos ocorrem aos pares de funções, sendo estas, ao mesmo tempo, distintas, quando comparadas uma à outra, contudo, simultaneamente, idênticas, por carregarem, ambas as funções alguma propriedade qualitativa, funcional, da função-mãe, da

qual se originam. A propriedade qualitativa que caracteriza a função-mãe e que identifica as variações como um par funcional foi denominada por Reich Princípio de Funcionamento Comum (PFC). Assim, um sistema funcional se constitui por um trio de funções: um par de variações, que se encontra num domínio de funcionamento mais superficial e estreito e, uma função-mãe, ou seja, o princípio de funcionamento comum, cujo domínio é mais profundo e amplo (20, 22, 25).

A noção de PFC é fundamental para compreender como os domínios psíquico e o somático-fisiológico, constituem-se, simultaneamente, em duas instâncias separadas com leis próprias, mas, em relação à pulsação energética, o seu PFC, formam uma unidade funcional.

Para a orgonomia, as emoções encontram-se no nível mais profundo de funcionamento da vida e podem ser entendidas em termos de movimento da energia orgone. A aplicação do funcionalismo orgonômico permitiu entender o organismo em termos de três grandes domínios de funcionamento: 1) o somático ou fisiológico, que corresponde às funções orgânicas mais diretamente relacionadas ao funcionamento da matéria, isto é, às funções químico-físicas presentes nos processos celulares e nos tecidos; 2) o psíquico, que corresponde às sensações, às percepções e às ideias e, pode-se dizer, inclui, também, o que alguns estudiosos denominam registro do simbólico e do imaginário; e 3) o biológico, que tem como variações os domínios somático e psíquico e que seria o domínio mais profundo e mais amplo do que suas variações.

Esses três domínios seriam governados pelo princípio de funcionamento comum (PFC) da pulsação bioenergética, a função que estabelece a identidade funcional entre o somático e o psíquico, isto é, a manifestação no organismo da pulsação orgonótica. As emoções situar-se-iam no domínio biológico, seriam expressas, em termos de movimentos direto da energia orgone e sentidas no domínio psíquico, em termos de ideias e de percepções, e expressar-se-iam, no domínio somático, em termos de funções fisiológicas, tais como a respiração, a expansão vagotônica, a contração simpaticotônica etc.

Portanto, as emoções, entendidas como pertencentes ao domínio biológico, que é o domínio regido pela pulsação bioenergética, encontram-se no domínio mais profundo de funcionamento do organismo, o que implica reconhecer que os processos emocionais fazem-se presentes, de certa maneira, em todos os processos vitais. Pode-se afirmar, então, que, para essa concepção, existe, em termos hierárquicos funcionais, uma primazia das funções emocionais em relação às funções psíquicas e somáticas, ainda que todos os três domínios apresentem independência e funcionem de forma integrada e simultânea.

UMA SÍNTESE DA CONCEPÇÃO ORGONÔMICA DE SAÚDE-ADOCIMENTO

A concepção de saúde-adoecimento, como se desenvolve na orgonomia, fundamenta-se em torno da polaridade: potência orgástica/livre-pulsação-orgonótica x impotência orgástica/encouraçamento crônico.

Reich realizou uma diferenciação entre emoções/impulsos primários ou naturais e os impulsos secundários. Aquelas envolveriam a expressão direta do movimento orgonótico sem perturbação, as quais corresponderiam às emoções básicas prazer-expansão e desprazer-contração. A sexualidade corresponderia, nessa visão, ao movimento expansivo, no qual a energia biológica se move do centro do organismo em direção à periferia e está associado às sensações de prazer e à descarga da energia; o medo ou a angústia corresponderiam ao movimento contrário, de contração.

Caso o movimento básico de prazer ou sexualidade seja interdito pelo mundo, então se desenvolve a raiva ou a destrutividade, para pôr fim aos obstáculos ao prazer, à descarga energética centro-periferia. Os impulsos secundários, não-naturais, adviriam do processo de encouraçamento, o qual impediria o fluxo direto dos impulsos primários ao criar uma contenção ou imobilização destes, que, como consequência, assumiriam a forma de ações destrutivas perversas, tais como o sadismo e o masoquismo.

O indivíduo orgasticamente potente estaria apto a entregar-se, plenamente, no ato sexual, ao movimento das suas correntes de energia orgone e, também, ao seu parceiro, de modo que, estando ele livre de impulsos secundários, isto é, destrutivos, apresentar-se-ia capaz de descarregar, genitalmente, a energia sexual.

A partir da noção de potência orgástica, nasce, então, na clínica reichiana, a ideia de que a sexualidade genital cumpre uma função essencial para a autorregulação energética do organismo e de que o processo de saúde-adoecimento está diretamente relacionado com a função da genitalidade. A sexualidade genital madura apresentar-se-ia livre de impulsos secundários e, em última instância, significaria a capacidade de amar do indivíduo. As doenças poderiam ser entendidas como resultado de uma perturbação na capacidade natural para amar, de modo que o fator fundamental para curar a impotência orgástica seria restabelecer essa capacidade (3).

A dimensão da sexualidade não se resume unicamente ao ato sexual, ainda que a sua manifestação mais importante para a saúde seja este, sendo possível compreender que a função básica de expansão e a potência orgástica estão relacionadas com outras atividades que fornecem prazer ao organismo, que o expande em direção ao mundo, e possibilita, também, de certo modo, descarregar a energia biológica. Por exemplo, quando se está plenamente interessado e concentrado em alguma atividade, a qual dá prazer, que anima, que motiva e que excita, pode-se dizer que a função básica da sexualidade, a expansão, está ali presente. O indivíduo orgasticamente potente é capaz de se entregar completamente, não só ao ato sexual, mas a qualquer atividade que lhe interessa – ao trabalho, ao cuidado dos filhos, ao contato com a natureza, ao esporte, a atividades artísticas etc. -, de modo a se satisfazer energeticamente e dela extrair prazer.

A fórmula do orgasmo expressa um movimento de pulsação biológico, o qual, segundo Reich teria, como princípio de funcionamento comum, a pulsação da energia orgone no organismo.

O funcionamento vital, para a doutrina orgonômica, é compreendido em termos da pulsação orgonótica, a qual é o princípio de funcionamento comum de todas as demais funções do domínio da vida. De maneira geral, pode-se dizer que, se nada impedir o ritmo natural da pulsação, então, o organismo será inteiramente governado pelo movimento espontâneo da energia orgone. A pulsação, no organismo, apresenta-se de distintas formas em cada um de seus constituintes, de modo que o funcionamento do organismo apresentar-se-á livre de distúrbios e disfunções quando o ritmo natural da pulsação biológica governar os processos vitais, ou seja, quando não houver perturbações ao fluxo da energia orgone no organismo.

Contudo, se condições e fatores externos ameaçarem perturbar o ritmo natural da pulsação – seja bloqueando ou hiperativando o fluxo da energia orgone –, o organismo, como resposta, reagirá no sentido de libertar-se dessa ameaça, buscando maneiras de esquivar-se desses fatores ou, quando isso não for possível, por meio dos impulsos de raiva e de agressividade, a fim de destruir os fatores perturbadores.

O estado de saúde poderia ser compreendido, então, como a capacidade do organismo de se autorregular frente às possíveis ameaças, a fim de garantir o ritmo natural de sua pulsação, mantendo-o inalterado ou permanecendo capaz de recuperá-lo assim que for possível.

Em certos casos, as condições e os fatores perturbadores podem perdurar por muito tempo ou atingirem uma magnitude tal que o organismo é incapaz de contornar a situação e acaba sendo profundamente afetado em sua pulsação. Caso a perturbação na pulsação se prolongue por muito tempo, ela pode inibir a formação e a expressão dos impulsos vitais, de modo que, as partes do organismo ou a sua totalidade fiquem danificadas ou destruídas. Trata-se, nesses casos, do estado de doença. Em situações extremas, quando a pulsação é severamente perturbada, a ponto de os impulsos vitais cessarem a sua formação e o organismo encontrar-se num estado de paralisia orgonótica, o resultado é a morte (9, 10).

A pulsação biológica governa todos os processos vitais, incluindo o metabolismo energético do organismo, e, como a expressão genuína das emoções requer a capacidade de livre movimento, ou seja, a livre pulsação, pode-se estabelecer uma relação entre a capacidade de expressão das emoções com a regulação do metabolismo energético do organismo. Como as emoções, para a orgonomia, decorrem diretamente do movimento da energia orgone, Reich (2) denominou os movimentos corporais movimentos expressivos, pois eles nada mais são do que a expressão das emoções.

A imobilização das emoções, em nível biológico, corresponde aos bloqueios da energia orgone; em nível somático, corresponde às perturbações nas funções fisiológicas, incluindo alterações no ritmo respiratório e na circulação sanguínea e dos fluidos corporais, até mesmo, nos processos celulares; e, em nível psíquico, corresponde aos comportamentos patológicos e às defesas caracterológicas neuróticas (10).

Assim, segundo Raknes (9), “toda interrupção de um movimento natural espontâneo constitui uma interrupção na pulsação biológica natural”, pressuposto este que é fundamental para a concepção orgonômica de saúde-adoecimento. Conforme esse autor, ao menos que a interrupção não seja grave, nem muito forte e nem muito prolongada e que “o organismo possa por si mesmo readquirir no menor tempo possível a sua livre pulsação”, de um modo geral, pode-se dizer que a interrupção não é prejudicial à saúde. Contudo, nos casos de interrupções que impeçam a expressão emocional, ou seja, que impossibilitem a descarga energética das emoções, o estado de saúde é perturbado.

No dizer de Raknes (9), há “uma série de obstáculos aos movimentos que é tão eficaz e prolongada, e que possui repetição frequente ou sistemática, que o organismo não pode por conta própria – pelo menos em pouco tempo – perceber nenhum impulso em direção ao movimento impedido”. Esses obstáculos encontram-se nas condições em que as crianças são cuidadas e educadas, ou seja, no período crítico de formação do caráter, de forma que “essa interrupção de impulsos é tão comum que os organismos

adultos com uma capacidade própria de pulsação biológica livre não alterada são puras exceções”.

Quando se compreende a saúde em referência à plena capacidade de pulsação e à livre expressão emocional, a impressão que temos é que raras são as pessoas que possuem essa capacidade não danificada, de modo que, Raknes (9) afirmou que “não são muitos aqueles que podem considerar-se sãos, caso se escolha como critério de saúde a livre pulsação biológica”.

O princípio de funcionamento comum da impotência orgástica é o encouraçamento e este pode ser compreendido como perturbações na pulsação biológica natural, que, biofisicamente, apresenta-se em termos de bloqueios ou hiperativações no fluxo da energia orgone no organismo. Essas perturbações na pulsação correspondem à supressão ou à imobilização das emoções, podendo atingir tanto o cerne biológico, causando uma inibição da formação das emoções, ou, apenas, uma contenção da expressão emocional sem interromper a sua formação (10).

Com base na noção de encouraçamento, Reich (10) realizou uma demarcação no campo das patologias, denominando biopatias as doenças originadas de um distúrbio na função de pulsação, em cuja gênese encontram-se, sempre, questões emocionais.

O encouraçamento no indivíduo poderia originar-se muito cedo, inclusive, no período intrauterino, pois o campo de energia orgonótico da mãe teria algum impacto na pulsação orgonótica do embrião e do feto. Contudo, para além da esfera do indivíduo, Reich considerou que o encouraçamento teria origens sociais, mais especificamente, na moral sexual repressiva presente nas sociedades patriarcais, que afetaria, sobretudo, a maneira como as crianças são cuidadas e educadas. Assim, a maneira patológica em que ocorreria a repressão da sexualidade nas crianças exigiria delas a formação de mecanismos de proteção, em outros termos, as couraças, a fim de lidar com suas angústias e medos frente aos impulsos sexuais (2, 10).

Segundo Raknes (9), a questão decisiva em relação à forma como ocorre a repressão dos impulsos da criança,

[...] não é estabelecer qual impulso foi bloqueado primeiro, mas reconhecer se a criança vive a inibição como um freio ou uma proibição à *própria* procura do prazer. Se a criança percebe a inibição como uma proibição, não estará mais em condições de sentir-se interessada por alguma procura primária do prazer, tanto em nível da atividade sexual como em qualquer outro nível de atividade.

A inibição da sexualidade se apresenta como uma espécie de dano primário ao funcionamento vital, biológico. Esta inibição, sem sombra de dúvida, é específica de algumas sociedades humanas e, portanto, apresenta uma gênese sociohistórica. A inaptidão para lidar com as questões emocionais-sexuais residiria como um núcleo comum a todas as biopatias. Seria característico das pessoas com encouraçamento crônico o desenvolvimento de impulsos secundários, impulsos estes, segundo Reich (10, 20), não encontrados em outras esferas da natureza, sendo exclusivos da humanidade. Diferentemente do caráter genital, isto é, da pessoa cujo funcionamento se caracterizaria pela potência orgástica e pela capacidade de expressar impulsos primários ou naturais, o caráter neurótico seria caracterizado pela incapacidade de expressar seus impulsos primários, estando ele forçado a estabelecer contatos substitutos com o mundo. Assim, suas relações afetivas estariam pautadas por mecanismos defensivos que lhe impossibilitariam sentir satisfação, expressar genuinamente seus sentimentos, nutrir-se energeticamente e afetivamente em seus afazeres diários e, principalmente, descarregar sua energia sexual. Raknes (9) afirma que “a experiência efetuada na clínica psicoterapêutica demonstra como a capacidade para um abandono completo é uma e indivisível, seja na relação sexual, no trabalho ou em qualquer outra atividade”. Essa capacidade é a potência orgástica e a sua condição é a livre pulsação orgonótica.

Poder-se-ia entender a concepção orgonômica de saúde-adoecimento articulada em torno da polaridade potência orgástica/libre pulsação orgonótica x impotência orgástica/encouraçamento crônico da seguinte maneira: saúde implica na plena capacidade da pulsação orgonótica natural, em que a energia flui pelo corpo, no seu ritmo espontâneo, livre de bloqueios. Como consequência o metabolismo

energético encontra-se equilibrado e com potencial orgonótico adequado. O livre movimento da pulsação orgonótica corresponde à capacidade de expressão emocional genuína e autêntica dos sentimentos e impulsos primários. Essa capacidade é característica do indivíduo orgasticamente potente, o qual é livre de impulsos secundários e consegue entregar-se no ato sexual, descarregando completamente a sua energia sexual.

Doença, por outro lado, implica em perturbações na pulsação orgonótica natural, em que o fluxo da energia pelo organismo encontra-se em estado alterado do natural, por existir bloqueios e imobilizações, ou hiperativações, nesse fluxo. Como consequência o metabolismo energético encontra-se desequilibrado e com potencial orgonótico inadequado. As perturbações na pulsação orgonótica correspondem aos bloqueios emocionais, ou seja, à incapacidade de expressão direta dos impulsos primários, a qual, acarreta em impulsos secundários. Essa incapacidade é característica do indivíduo orgasticamente impotente que, em decorrência do encouraçamento, apresenta uma estase energética e regiões corporais com encouraçamento crônico, assim como, defesas caracterológicas neuróticas.

Nessa perspectiva, é importante esclarecer que essa polaridade entre a potência orgástica/libre pulsação orgonótica e a impotência orgástica/encouraçamento crônico serve como um parâmetro para compreender funcionalmente a economia e a dinâmica energética das pessoas. Na prática, as pessoas apresentam uma variação de diversos desses fatores e, em determinados momentos e em contextos de suas vidas, algumas defesas e manifestações do encouraçamento podem intensificar-se e, em outras ocasiões, abrandar-se. Esse parâmetro serve, contudo, para que aquelas pessoas que estejam operando com as categorias da orgonoterapia, atentem-se para os aspectos mais importantes que devem ser levados em conta na interpretação diagnóstica e na condução terapêutica.

Não se pode perder de vista que o funcionalismo orgonômico, a orgonomia e, portanto, também, o conhecimento referente à concepção de saúde-adoe-

cimento legado por Reich são, ainda, incompletos, como o próprio autor fez questão de afirmar. Assim, a síntese que realizamos no presente trabalho deve ser considerada como uma busca pela sistematização de um conhecimento que, ainda, necessita ser explorado e desenvolvido, pois se trata de um campo aberto para a pesquisa científica. A existência de uma energia biológica específica é desconhecida da ciência convencional. A orgonomia e o funcionalismo orgonômico, que sustentam a concepção orgonômica de saúde-adoecimento, assumem, como seus pressupostos fundantes, que a energia funciona antes da matéria e que todos os processos na natureza são, antes, processos energéticos.

IMPLICAÇÕES PARA A SAÚDE COLETIVA

A concepção orgonômica sobre os processos de saúde-adoecimento permite extrair algumas implicações e contribuições para o campo das práticas em saúde. Iremos discutir, brevemente, algumas delas, no sentido de apontar temáticas que poderão vir a ser melhor investigadas e discutidas em futuros trabalhos.

A concepção reichiana sobre o funcionamento das emoções, sustentada nos princípios do funcionalismo orgonômico, estabelece que as emoções são expressão direta do movimento da energia orgone no organismo, ou seja, da pulsação orgonótica organísmica, e permite enxergar, de maneira integrada, os processos de saúde-adoecimento, pois o somático e o psíquico, ainda que instâncias distintas, apresentam-se como uma unidade funcional em relação ao domínio biológico, isto é, ao seu PFC, a pulsação bioenergética.

As emoções, assim compreendidas, não podem ser, simplesmente, reduzidas a processos químico-físicos neuronais ou a processos do sistema nervoso central. Embora Reich tenha afirmado que, no organismo humano, o sistema nervoso autônomo (SNA) pulse e seja responsável, também, pela expressão das emoções, em última instância, a função de pulsação é anterior ao próprio SNA, de modo que este último seria regido pela pulsação orgonótica, isto é, pelas emoções em nível plasmático, e não o contrário. O funcionalismo orgonômico possibilitaria, então, en-

tender que, em termos de seu PFC, as emoções apresentam-se como um fenômeno biológico universal, existentes no domínio biológico, e, simultaneamente ao seu PFC, como variações somáticas e psíquicas. A noção de encouraçamento nos três domínios de funcionamento da vida, o biológico, o somático e o psíquico, abre caminhos para compreender como os processos de adoecimento, presentes nas biopatias, envolvem sempre questões emocionais. Assim, o sofrimento afetivo crônico, a repressão dos impulsos naturais e os eventos traumáticos resultam em perturbações no fluxo natural e espontâneo da energia orgone e, conseqüentemente, em bloqueios e perturbações nos processos emocionais. Simultaneamente às alterações na pulsação bioenergética, as couraças somática e caracterológica expressar-se-ão; a primeira como perturbações anatômico-fisiológicas e a segunda em termos de comportamentos patológicos, conflitos psíquicos e defesas neuróticas.

O princípio de simultaneidade entre identidade e variações, ou seja, a noção de que um sistema funcional é composto a partir da tríade função-mãe, ou princípio de funcionamento comum, e as variações, ou as funções-filhas, possibilitaria operar em termos de relações entre funções, evitando, assim, reducionismos causalistas e finalistas. Aplicado o funcionalismo orgonômico ao campo do funcionamento da vida, abre-se um entendimento sobre como a mente e o corpo são duas instâncias distintas e, ao mesmo tempo, formam uma unidade funcional, evitando imputar sobre uma delas uma primazia em relação à outra. A primazia, no funcionalismo orgonômico, é o domínio energético livre de massa. Isso possibilitaria superar a dicotomia mente-corpo, buscando, em ambos os domínios, uma origem anterior e mais ampla, qual seja, a pulsação da energia orgone, conforme Reich.

A concepção orgonômica assume, portanto, uma visão integrada, no sentido de apontar como as esferas somática e psíquicas encontram-se relacionadas. Além disso, ao se sustentar numa visão histórico-genética, isto é, que concebe os processos na natureza em termos de processos de desenvolvimento, a concepção orgonômica de saúde-adoecimento, funda-

mentada, sobretudo, na noção de encorajamento, possibilita entender que “as perturbações psicossomáticas são muito anteriores à manifestação dos sintomas das doenças” (4).

Portanto, ao se ater às manifestações do encorajamento, a concepção orgonômica permite diagnosticar disfunções corporais que, para outras perspectivas clínicas, não são consideradas condições patológicas e explicar que, caso essas disfunções persistam e se agravem, ou seja, cronifiquem-se, podem levar a um futuro quadro de adoecimento clínico sentido ou percebido como tal. Diferentemente, portanto, de muitas abordagens psicossomáticas restritas à descrição da psicodinâmica das doenças orgânicas já manifestas, a abordagem orgonômica, por outro lado, seria capaz de identificar e de intervir em disfunções pré-sintomáticas.

Por conferir especial atenção às referidas disfunções pré-sintomáticas e ao movimento expressivo das emoções no organismo, a concepção orgonômica permitiria entender que “existem disfunções corporais que são parte integrante e base de sustentação da neurose”, de modo que essa concepção “não se restringe a explicar o envolvimento psíquico nas doenças orgânicas, mas também o envolvimento de disfunções corporais no caráter neurótico e nas psicopatologias” (4).

Uma das implicações que se podem derivar do entendimento orgonômico sobre os processos de saúde-adoecimento, restritos ao conjunto de doenças denominadas biopatias, isto é, originadas do processo de encorajamento, é no sentido de que na origem dessas doenças encontram-se questões emocionais que necessitam ser levadas em consideração no processo terapêutico. Desconsiderar a dimensão emocional presente nas biopatias ou reduzi-las, somente, aos seus aspectos somáticos configura um entendimento parcial e superficial sobre os processos de saúde-adoecimento das biopatias. Ainda que Reich tenha reconhecido a importância e a excelência do paradigma biomédico para abordar os problemas de saúde concernentes às questões físico-químicas, a concepção orgonômica entende como insuficiente e equivocado limitar a compreensão das doenças

biopáticas somente à expressão somática dos seus sintomas, sendo estas manifestações as últimas de um longo processo de adoecimento energético.

Além disso, no caso das psicopatologias, o trabalho com o corpo, visando a mobilização e a expressão das emoções, torna-se uma ferramenta terapêutica imprescindível.

Em relação, portanto, ao campo da saúde mental, consideramos que a concepção orgonômica de saúde-adoecimento: 1) oferece uma visão distinta do saber hegemônico psiquiátrico de base mecanicista-materialista – o qual é, ainda, muito reducionista e centrado em intervenções farmacológicas, por compreender as desordens emocionais fundamentado na doutrina do centralismo cerebral; e 2) possibilita outra forma de compreender os processos de saúde-adoecimento emocionais, fundamentada nos princípios e na metodologia do funcionalismo orgonômico, a qual estabelece, como um dos seus princípios terapêuticos, que se trabalhe diretamente com o cerne biológico, isto é, que se vise à expressão e à mobilização das emoções e que se removam os bloqueios energéticos, restaurando, assim, o potencial orgonótico saudável.

Algumas vezes, Reich (10) classificou a orgonoterapia como sendo uma bioterapia, no sentido de que ela intervenha no funcionamento do domínio bioenergético, isto é, constitua-se num meio de restaurar a pulsação orgonótica natural e de reequilibrar o metabolismo energético do organismo. Essa meta terapêutica, conforme esse autor, poderia ser alcançada ao se trabalhar sobre as inibições emocionais dos pacientes, auxiliando-os na expressão de suas emoções e impulsos reprimidos, o que envolveria, também, intervenções corporais a fim de recuperar funções somáticas perturbadas.

Uma outra contribuição que podemos derivar da concepção orgonômica diz respeito à prevenção das biopatias, tema este que entra no domínio social e cultural.

O fator etiológico presente, portanto, por trás de todas as biopatias, no dizer de Reich (10), é “*a devastação dos distúrbios sexuais*”. Segundo ele, após observar, por vinte e quatro anos, pacientes com

câncer, “não havia como escapar deste fato, por mais que eu tentasse: *o câncer é uma putrefação dos tecidos que ocorre enquanto o corpo ainda está vivo e é causado pela privação de prazer do organismo*”.

A medicina mecanicista, não orientada pela economia sexual, não tem acesso a essa compreensão. *As biopatias são doenças que resultam de distúrbios da pulsação biológica do aparelho autonômico vital, reduzindo assim a potência orgonótica.* Elas são determinadas socialmente e resultam da *estase sexual*. O número de biopatias está crescendo constantemente. A situação é extremamente séria, pede uma investigação e, espera-se, uma solução. (10)

A concepção orgonômica sobre os processos de saúde-adoecimento oferece, segundo Reich (10), “à medicina e à pedagogia algumas percepções importantes que poderiam ajudar, embora não do modo que se poderia pensar”, pois, diferentemente do que muitos gostariam de esperar, a orgonomia não descobriu “nenhuma substância química todo-poderosa que, aplicada em grande escala, fosse capaz de acabar de repente com o flagelo das doenças biopáticas”.

Assim, por entender que as doenças biopáticas têm sua origem na perturbação da economia sexual do organismo, Reich (10) afirmou que a eliminação dessas doenças “*requer uma mudança radical de toda a higiene sexual da população*”.

As conclusões a que Reich (10) chegou indicariam “de modo convincente que o câncer, com uma forma especial de biopatia, está relacionado *inseparavelmente* ao problema da sexualidade e à estrutura de nossa sociedade”. Segundo esse autor, essa doença e outras biopatias continuam “sendo um problema não resolvido até hoje porque nem a causa sexual, nem a social foram levadas em consideração”. Ou seja, a patologia orgânica não está dissociada da sociologia, pois “hoje se sabe bem no campo da biopsiquiatria que a sexualidade e a sociologia só podem ser tratadas uma com relação à outra”.

Reich (10) conferiu especial importância à maneira como a nossa sociedade lida com a sexualidade, especialmente, com a educação sexual das crianças, e nos legou um conhecimento no sentido de que a prevenção seria o melhor caminho para a erradicação das biopatias. A prevenção só seria possível, conforme afirma Raknes (9), com mudanças

culturais que favorecessem práticas educativas mais saudáveis, sexo-afirmativas, isto é, que não negassem às crianças, aos jovens, aos adultos e aos anciãos, isto é, a todo indivíduo, “o direito a uma vida sexual correspondente às próprias exigências, quando estas últimas não contrastarem com o direito dos outros de dispor da própria pessoa”. Segundo esse autor, “o reconhecimento desse direito poria fim à grande parte das calúnias que se levantam furiosamente em muitos ambientes, especialmente naqueles mais restritos e fechados”.

O direito a uma vida amorosa genital satisfatória implica, conforme Raknes (9), “em uma exigência correspondente de habitações, para que todos possam ter a oportunidade de estar só ou junto com um companheiro(a) quando ele ou ela sentirem necessidade”. Ou seja, entendemos que as condições de saúde, especialmente as relativas à sexualidade, estão diretamente implicadas nas condições materiais de existência.

A concepção orgonômica de saúde-adoecimento que procuramos sistematizar e apresentar limita-se ao campo das biopatias, pois foi com base na investigação clínico-terapêutica e experimental dessas doenças que Reich desenvolveu o seu corpo teórico doutrinário da orgonoterapia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Wilhelm Reich deixou um legado que pode e deve ser mais explorado cientificamente, sobretudo, porque suas teorias, métodos, técnicas e experimentos geraram, em certa medida, a construção de concepções e conceitos coerentes internamente e explorados por seus seguidores, sobre a saúde e o adoecimento, e, via de consequência, o desenvolvimento de saberes, técnicas e perspectivas que podem auxiliar na prevenção e no tratamento de vários problemas de saúde.

Por certo não são estudos finalizados e carecem de avaliações sob vários pontos de vista, mas, sem dúvida, parecem ser pontos de partida para inúmeros outros estudos, os quais cabem aos pesquisadores atuais dar a merecida continuidade.

CONFLITOS DE INTERESSE

Não declarado.

FONTES DE FINANCIAMENTO

CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)

REFERÊNCIAS

1. Gadamer HG. Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Paulo; 1997.
2. Reich W. Análise do caráter. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes; 1998.
3. Reich W. A descoberta do orgone: a função do orgasmo. Lisboa: Publicações Dom Quixote; 1979.
4. Trotta EE. Wilhelm Reich e a psicossomática. In: Maluf N, editor. Reich: O corpo e a clínica. São Paulo: Summus; 2000. p. 105-122.
5. Chastka E. The history of the development of medical orgone therapy. *J Org*. 2007; 41(2):18-29.
6. Wagner CM. Reich e a Terapia Psicorporal. In: Albertini P, Freitas LV, editor. Jung e Reich: articulando conceitos e práticas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2009. p. 148-157.
7. Reich W. The bioelectrical investigation of sexuality and anxiety. New York: Farrar, Straus and Giroux; 1982.
8. Reich W. The bion experiments: on the origin of life. New York: Farrar, Straus and Giroux; 1979.
9. Raknes O. Wilhelm Reich e a orgonomia. 1.ed. São Paulo: Summus; 1988.
10. Reich W. A biopatia do câncer. 1.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes; 2009.
11. Bennett PW. The persecution of Dr. Wilhelm Reich by the government of the United States. *Inter For of Psych*. 2010; 19(1):51-65.
12. Demeo J. In defense of Wilhelm Reich: opposing the 80-years war of mainstream defamatory slander against one of the 20th century's most brilliant physicians and natural scientists. Ashland, Oregon, USA: Natural Energy Works; 2013.
13. Sharaf M. Fury on earth: a biography of Wilhelm Reich. New York: St. Martin's Press/Marek; 1983.
14. Lapassade G. La bio-energía: ensayo sobre la obra de W. Reich. 1.ed. Barcelona: Gedisa; 1974.
15. Ramalho SA. Reich em caminho independente: o combate ao nazifascismo. In: Albertini P, Freitas LV, editor. Jung e Reich: articulando conceitos e práticas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2009. p. 134-147.
16. Russo JA. O corpo contra a palavra: as terapias corporais no campo psicológico dos anos 80. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; 1993. Originalmente tese de doutorado.
17. Lachica FO. La relación cuerpo-mente: pasado, presente y futuro de la terapia psicorporal. 1.ed. México DF: Editorial Pax México; 1999.
18. Matthiesen SQ. Organização bibliográfica da obra de Wilhelm Reich: bases para o aprofundamento em diferentes áreas do conhecimento. 1.ed. São Paulo: Annablume; Fapesp; 2007.
19. Bedani A. A relação entre sensação e produção de conhecimento na obra de Wilhelm Reich [tese]. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo; 2013.
20. Reich W. O éter, deus e o diabo / A superposição cósmica. 1.ed. Tradução de Maya Hantower. São Paulo: Martins Fontes; 2003.
21. Reich W. Materialismo dialético e psicanálise. 4.ed. Lisboa: Editorial Presença; 1983.
22. Bedani A. Revisitando a metodologia reichiana de pesquisa: a abrangência e aplicabilidade do funcionalismo orgonômico e da orgonoterapia. In: Borine MS, editor. W. Reich e J. Pierrakos: Abertura dos arquivos – temas reichianos – core energetics. 1.ed. São Paulo: Spiral Editora; 2012. p. 107-118.
23. Bedani A. Energética e epistemologia no nascimento da obra de Wilhelm Reich [dissertação]. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo; 2007.
24. Reich W. The developmental history of orgonomic functionalism. *Org Func*. 1990; 1(1):1-29.
25. Bedani A. O funcionalismo energético de Wilhelm Reich [apostila]. 2019. Material não publicado.
26. Reich W. Orgonometric equations (I): general form. *Org Ener Bull*. 1950; 2(4):161-183.
27. Trotta EE. Psicossomática reichiana e metodologia da orgonoterapia. 2.ed. Rio de Janeiro: Edição do autor; 1996.

(i) Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de pesquisa a qual viabilizou a realização de nossa pesquisa de mestrado e a produção do presente artigo.

(ii) Tais como o acumulador de energia orgone e o DOR-Buster. O primeiro constitui-se numa caixa composta por camadas de materiais orgânicos e metálicos intercaladas, a qual teria a propriedade de acumular a energia orgone em seu interior. O segundo constitui-se em canos e manguueiras metálicas as quais são conectadas em água corrente ou reservatórios de água e tem como função drenar a energia DOR (Deadly Orgone) de partes doentes do organismo.

(iii) Entre os anos de 1934 a 1939, ele proferiu palestras na Universidade de Oslo, sobre a formação do caráter e sobre suas origens biológicas; e entre 1940 a 1941, na New School for Social Research, em Nova Iorque, foi professor de Psicologia Médica (4, 13).

(iv) Em decorrência da maneira como a orgonoterapia e as terapias pós e neo reichianas se difundiram pelo mundo, existem, na atualidade, diversas escolas de abordagens terapêuticas consideradas “de base reichiana”, as quais, apesar de utilizarem metodologias clínicas que diferem entre si em vários aspectos, fundamentam-se nos princípios mais gerais da teoria e da metodologia desenvolvida por Reich (27). As abordagens neo-reichianas mais conhecidas são: a) a Bioenergética, desenvolvida, por Alexander Lowen e John Pierrakos, ambos discípulos diretos de Reich nos Estados Unidos; b) a Core Energetics, que foi desenvolvida posteriormente por Pierrakos; c) a Biodinâmica, desenvolvida, por Gerda Boyesen, na Noruega; d) a Biossíntese, desenvolvida por David Boadella, na Inglaterra; e e) A Educação Somática ou Psicologia Formativa, desenvolvida, por Stanley Keleman, que foi um discípulo de Lowen nos Estados Unidos (6).